

ROMA
Diretor: Alfonso Cuarón¹

História de vida em Roma

Ana Luiza Monteiro Bastos Ornellas
Bárbara Gabrielle Silva
Fernanda Tarabal Lopes



Figura 1 - Yalitza Aparicio, uma jovem de origem indígena, interpreta Cleo, personagem baseada na vida de Liboria Rodríguez

Fonte: Site da BBC News Brasil

“Não há muros para o cinema mexicano”

Autor desconhecido

¹ México: Netflix, 2018. Filme de 135 minutos.

Antes mesmo de seu lançamento, Roma já era comentado entre os amantes de cinema pelo mundo todo. Lapidado como um verdadeiro diamante em meio ao mar de constante tensão e rivalidade vividos pelo México, seu vizinho estadunidense e o polêmico muro fronteiriço que os separa, o filme surge como uma real obra-prima para o cinema mundial.

Cuarón traz a notoriedade da simplicidade cinematográfica, já não vista por muitos há um bom tempo. Preto no branco. Barulho e silêncio. A verdade tal como ela é. Sem máscaras ou disfarces. São os elementos reais que retratam toda uma realidade social e econômica vivida por muitos. Vai além dos diálogos, constrói um clima cheio de detalhes. Transmite energia e sentimentos.

A estrela do filme é Cleo, personagem de descendência aparentemente indígena, é empregada doméstica de uma família de classe média mexicana; seus afazeres compreendiam os trabalhos da casa dos patrões e o cuidado, como babá, de quatro crianças. A obra não retrata a história de uma personalidade de sucesso, mas a de alguém comum. Não se identificar nem se envolver é difícil, o que torna o filme ainda mais espetacular. É sobre a história da vida da personagem Cleo que nos deteremos, em especial, ao longo dessa resenha.

A história é recriada no México na turbulenta década de 1970. Cuarón buscou ser respeitoso com o passado. Cada peça parece ter sido cuidadosamente escolhida, é possível ver quais os objetos e costumes da época. Mesmo não sendo o foco do longa metragem o contexto político também é mostrado. Tensão no governo, disputas territoriais, miséria da população indígena, êxodo rural, massacre de Corpus Cristi (ação que matou cerca de 120 mil pessoas no México em 1971, devido à ação de grupos paramilitares), dentre outros.

O filme mescla calma com momentos de tensão. No início pode parecer monótono, o que acaba gerando uma grande expectativa. O telespectador visualiza, inicialmente, como ocorre o dia-a-dia da personagem e como é o ambiente da classe média no México, em destaque. Posteriormente segue-se uma série de acontecimentos que serão marcantes na vida da personagem.

Ao narrar a vida de Cléo, o filme discorre com riqueza não apenas sobre as particularidades dessa personagem; tal história nos transporta para questões, problemáticas e afetos presentes em coletividades mais amplas. Nesse sentido, Roma nos apresenta de maneira primorosa a tão discutida “ponte entre história individual e história coletiva” e às potencialidades que o trabalho com histórias de vida nos oferece ao religar o nível individual ao campo social de análise (Barros; Lopes, 2014). No filme, o paralelo entre o singular e o coletivo é claro. Cada cena é repleta de significados. Quem o vê, logo assimila algo com a realidade de outras nações, de outros grupos sociais, ou até de si mesmo. Uma vida de labuta, suor e desgaste. Não soa real?!

Cleo, conforme já destacamos, é trabalhadora doméstica. Suas atividades englobam o lavar, passar, cozinhar, cuidar da casa, dos patrões e das crianças. Além dessas atividades, que englobam quase todo o tempo da personagem, a mesma reside no fundo da casa dos patrões, situação que expressa as precariedades tão comuns a esse tipo de atividade. As desigualdades de classe e gênero são explícitas no trabalho de Cleo e nos remete igualmente ao labor de tantas outras trabalhadoras. Ainda que quisesse parar por alguns minutos para acompanhar o programa de televisão, não há tempo. O chá do patrão a espera. Ou melhor, não espera.

Em seus poucos, rápidos e esparsos momentos de folga, Cleo encontra um namorado. A descoberta da gravidez surge de maneira inesperada em sua vida. Um susto, um choque. A primeira reação foi a contar para a patroa, pois seus destroços podem esperar; a patroa não. Em meio a uma conturbada gravidez, o abandono. O pai da criança deixa Cleo e exige que ela nunca mais o procure. Outro susto; outro choque. Agora terá que catar seus cacos, um por um, sozinha. Pelo menos ela tem a patroa. E a patroa tem o marido. Ou melhor, tinha. Novamente um abandono. Mais um susto; mais um choque. O patrão de Cleo vai embora. Deixa para traz a família, esposa e os quatro filhos. Agora as duas ficaram sozinhas. E quando foi que não estiveram?! O abandono da mulher expresso em classes sociais diferentes.

Chega o grande dia. O tão (não) esperado dia do parto. A caminho do hospital um tremendo congestionamento e horas de

incessante e agonizante espera. O bebê está a caminho. Cleo também. Mas o congestionamento impede que os caminhos se cruzem e Cleo perde sua filha. Carga pesada de emoções e o sentimento da culpa, relegado tradicionalmente à mulher, pela gravidez indesejada. Para amenizar as situações difíceis, uma viagem para praia em Tuxpan. E Cleo, enquanto empregada doméstica, tem de ir junto, claro. “As crianças vão sentir saudades se você não vier”. Já na praia, as crianças resolvem entrar no mar. Se afastam. Se afogam. Há apenas Cleo para ajudar. Mas, e o medo de água? O medo do mar? Em uma fração de segundos e sem pensar duas vezes, Cleo se atira e vai atrás das crianças. Mergulha, nada e se choca contra as ondas até que as alcança e as tira do mar em segurança. Viva(s)!

Na trama a figura da mulher tem um papel central, principalmente com Cleo, mas também com a patroa Sofia. Machismo, abandono paternal, vulnerabilidade. Tudo isso cerca o cotidiano dessas mulheres. Momentos de grande solidão e tristeza. Mas era preciso seguir em frente.

Ao longo de suas duas horas e quinze minutos, Roma exhibe cenas realistas, verdadeiras e dolorosas. Cenas que, ainda que retratadas em ficção e na década de 1970, remetem a acontecimentos atuais, a realidades de indivíduos e de contexto de diversos países latino-americanos. Tempos passados nunca foram tão presentes.

Roma é um filme sem delongas. Além das questões do social que aqui destacamos, como aquelas relacionadas ao trabalho das empregadas domésticas, às opressões do patriarcado e ao abandono da mulher, às desigualdades de classe, poderíamos nos ater também a tantas outras, tais como a relação do imperialismo estadunidense junto ao México e aos países da América Latina, a exclusão e pauperização relegada aos povos locais indígenas latino-americanos, a precariedade das vilas no contexto urbano. Sua exibição no presente contexto mexicano e global, de maneira geral, representa a resistência: há histórias que necessitam serem contadas.

Para a compreensão do trabalho com “histórias de vida”, Roma é de uma riqueza inestimável. A abordagem das diversas narrativas presentes na obra nos remete às determinações particulares,

mas também, e igualmente, às suas universalidades; são as singularidades transformadoras construídas em uma base material e histórica da existência (Lopes, 2013). Além disso, e em destaque, as histórias de vida vislumbradas diferenciam-se das histórias oficiais, histórias dos cumes ou das elites. Nesse ponto, atemo-nos a Ferraroti (1990) e à discussão que esse autor faz a respeito de uma historicidade “não historicista”, que representa justamente “uma ruptura com a concepção de história enquanto sucessão diacrônica para a pretensa verdade de um sentido geral detido pelas elites que seriam os depositários do valor” (Ferraroti, 1990, p. 31).

Por fim, expressamos nossa admiração pela obra cinematográfica e reforçamos nossos votos de que a resenha que aqui apresentamos desperte no leitor o interesse em conhecer Roma.

Referências

BARROS, V. A. D., & LOPES, F. T. (2014). *Considerações sobre a pesquisa em história de vida. Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórica conceitual*. Vitória: EDUFES. (296 p).

CUARÓN, Afonso (2018) *Roma*. México: Netflix.

FERRAROTI, F. (1990) *Histoire et histoires de vie*. Paris: Méridiens Klincksieck.

LOPES, F. T. (2013). *Entre o prazer e o sofrimento: histórias de vida, drogas e trabalho*. Doutorado em Administração. Universidade Federal de Minas Gerais.

Roma, da Netflix: *cinco perguntas para entender o aclamado filme de Alfonso Cuarón*. BBC News Brasil. 19/12/2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46599563> Acesso em: 20/03/2019.